


INSTITUTO	
	
Documentação	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	GM (Editoriais)
Data	14/8/2001 Pg A2
Class.	Bambam 2p

Gazeta Mercantil – Editoriais – A2 - 14/08/2001 – Vinicius Lummertz Silva

A força dos produtos com alma

14 de agosto de 2001 - Octavio Paz, o escritor mexicano prêmio Nobel de literatura, observou certa vez que o objeto artesanal, sem nome e sem marca, conserva, real ou metaforicamente as impressões digitais de quem o fez, um sinal: 'a cicatriz quase apagada que comemora a fraternidade original dos homens'. Pode-se acrescentar que, justamente por causa disso, o artesanato está se tornando, também cada vez mais, um negócio de fomedável expressão econômica. Já se nota um cansaço, sobretudo entre os consumidores dos países mais ricos, em relação à avalanche de objetos fabricados em escala industrial, à primeira vista sedutores e reluzentes, mas na verdade irrelevantes e rapidamente descartáveis. De utilidade prática duvidosa, não apresentam nenhum valor afetivo ou estético. Falta-lhes alma

Em lugar dessas quinquilharias, firma-se uma demanda expressiva por produtos étnicos diferenciados, feitos à mão, um por um, em lugares distantes. Sua presença vai se tornando constante em Paris, Londres ou Nova York não apenas nas butiques de decoração ou presentes, mas nas grandes lojas de departamentos.

Essa tendência abre perspectivas extremamente favoráveis para o Brasil, país cujo artesanato, ainda voltado, sobretudo, para o mercado interno, já alcança dimensões insuspeitadas. Os primeiros números globais brasileiros, descobertos por um levantamento efetuado no ano passado, surpreenderam a todos, a começar pelo governo que o tinha encomendado.

A partir de uma pesquisa em 210 cooperativas e associações de artesanato espalhadas no País, verificou-se que o setor movimenta perto de R\$ 28 bilhões por ano. Essa quantia corresponde a cerca de 2,8% do PIB brasileiro, superando até percentuais de indústrias tradicionais, como vestuário (2,7), bebidas (1%) e papel (2%). Para chegar a esses números, o governo levou em conta o fato de existirem cerca de 8,5 milhões de artesãos, ganhando, em média, de dois a três salários mínimos.

No exterior, há demanda de sobra para absorver um aumento de produção. O México abriu caminho, criando um verdadeiro modelo de desenvolvimento regional baseado no artesanato produzido na região que se estende da capital até os arredores de Guadalajara. Na localidade de Tonalá, pequenas manufaturas, sempre familiares, organizadas em cooperativas abastecem grandes cadeias internacionais especializadas em design como a Pier Import, com mais de 500 lojas em 50 países.

Dois economistas, a brasileira Lena Lavinas, da Organização Internacional do Trabalho, e o americano Michael Storper, da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, contratados pelo Banco do Nordeste, foram conhecer a realidade mexicana de perto. Em entrevista recente Michael Storper chamou a atenção para a viabilidade e o interesse da aplicação do modelo em regiões como o Nordeste brasileiro que, até agora, têm conseguido atrair empresas oferecendo mão-de-obra barata. Melhor opção seria valorizar o artesanato, para o qual a mão-de-obra tem um trunfo insubstituível. É a única capaz de produzir determinados objetos, graças a habilidades transmitidas de geração em geração. Além do mais, promover artesanato é muito mais barato. Enquanto a indústria automobilística brasileira precisa de R\$170 mil para criar um emprego, com apenas R\$ 50 se garantem matéria-prima e trabalho para um artesão.

Naturalmente, exportação exige adaptações. Para alcançar o mercado internacional, é preciso, entre outras coisas, promover um casamento entre a tradição e o design moderno e adaptar a comercialização. É o que fez o México. É também o que está fazendo o Brasil através do Serviço Nacional de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). No ano passado, o Sebrae cadastrou 32.800 artesãos, treinou 52.600 em gerenciamento e técnica de produção, promoveu 204 oficinas com designers e constituiu 103 cooperativas. A resposta tem sido magnífica, pois interesse por parte dos artesãos é que não falta. Falta-nos, ainda, isto sim, uma medida essencial. Precisamos de uma Lei do Artesão que lhe garanta existência jurídica, permita que se movimente na burocracia comercial, possibilite sua entrada no banco à procura de um empréstimo. É o mínimo que merecem os homens e as mulheres que modelam com suas mãos os objetos com alma brasileira. Apoiar os artesãos é um ato de justiça. E também um excelente negócio. (Gazeta Mercantil/Página A2) (Vinicius Lummertz Silva, diretor técnico do Sebrae)